



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OBERDAN NAZARENO VILAIN

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-682

Entrevistado: Oberdan Nazareno Vilain

Nascimento: 02/06/1945

Local da entrevista: Telefone

Entrevistadora: Luiza Aguiar dos Anjos

Data da entrevista: 25/04/2016

Transcrição: Kenia Gouvea Garrafiel

Copidesque: Luiza Aguiar dos Anjos

Pesquisa: Luiza Aguiar dos Anjos e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 9 minutos e 13 segundos

Páginas Digitadas: 24 páginas

Observações: Após leitura, o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento.

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da Alegria”: uma história da torcida Coligay* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em agosto de 2018

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória como jogador de futebol; Relação com o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; impressões acerca das torcidas brasileiras; Lembranças acerca da Coligay; Impressões acerca da ditadura militar para a vida de jogadores de futebol.

Porto Alegre, 25 de abril de 2016. Entrevista com Oberdan Nazareno Vilain a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Boa tarde. Muito obrigada, por ceder seu tempo para conversar comigo. Oberdan, eu queria que você começasse me explicando como é que começou sua relação com o futebol?

O.V. – Minha história esportiva iniciou na adolescência. Meu pai, André Vilain, foi goleiro do Avaí Futebol Clube, o que foi um grande impulso para o início de minha inserção no mundo dos esportes. Meu pai alimentava o sonho de me ver jogador. Naquela época, minha grande paixão era o basquete, onde integrei a Seleção Catarinense com 14 anos de idade. Como forma de agradecimento pelo pai atencioso e zeloso que tinha, comecei a jogar como goleiro. Ocorre que tive a percepção de que minha posição era outra, a de zagueiro, o que me proporcionava o aproveitamento de uma grande aptidão adquirida no basquete: a Impulsão. Com um convite de trabalho feito ao meu pai, a família se mudou para Curitiba, onde segui com meus estudos. Tive a oportunidade de encontrar colegas do basquete, dentre eles, Antônio Carlos Prieto, jogador de futebol do Coritiba¹, que teve seu interesse por mim, despertado pela minha impulsão. Eu seguia com minha vontade de jogar basquete, mas dada a insistência de Prieto, segui para o meu primeiro teste, no Coritiba. Na ocasião conheci Janguinho², um senhor que cuidava da categoria sub 16, e ex-jogador do Santos³. Uma vez no teste, me foi perguntado em que posição eu jogava. Respondi que de goleiro ou zagueiro. Tal afirmação despertou certa estranheza em Janguinho, que afirmava que a indecisão na posição, pode determinar a falta de talento do jogador. Escolhi a zaga. Após o treino, Janguinho veio ao meu encontro profetizando de que eu seria um dos grandes zagueiros do futebol brasileiro, frisando minha condição física adequada a posição. Após isso, apresentei ao meu pai, as questões burocráticas foram devidamente tratadas, e aos dezessete anos, fui capitão da equipe do Coritiba, iniciando minha carreira profissional, com o título de campeão estadual, o que decretou para sempre, meu abandono da posição de goleiro. Aos dezoito anos de idade, tive a primeira oportunidade de minha

¹ Coritiba Foot Ball Club.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Santos Futebol Clube.

carreira. O quarto zagueiro titular a época, Bequinha⁴, bem como seu reserva direto, tiveram lesões simultâneas, o que fez com que a posição não tivesse reposição no plantel até então formado. Janguinho me indicou ao treinador e eu, então com 18 anos, tive boa atuação, e segui na titularidade da posição. Foi nessa época, que surge na minha vida, aquele que seria o time em que mais vesti a camisa em toda minha carreira. O Santos Futebol Clube. Amigos de meu pai me indicaram para um teste, focado no grande sonho de jogar naquele que era o grande time do cenário mundial, e tinha o melhor entre os melhores de todos os tempos: Pelé⁵! Me firmei no grupo, e nos treinamentos, comecei a estreitar minhas relações de amizade, que se mostrou, além de jogador extraordinário, um ser humano diferenciado, humilde e bondoso. Fazendo referência ao teste no Santos, fui o único aproveitado dentre dezesseis jogadores. Fui em 1964, e em 1965 disputei o Campeonato Paulista, me sagrando campeão. O Santos me oportunizou o mundo! E com essa oportunidade, tive a clareza do quão grande é essa modalidade esportiva, os sentimentos que desperta em todos os povos de todas as nações, bem como o status de semideus, dado ao Pelé. O Rei atendia a todos com simplicidade e atenção, e foi no continente africano, que presenciei o potencial máximo de adoração daquele povo por futebol, e por seus ídolos, em particular, Pelé. Em excursão pelo Congo Belga, fui brindado com uma das maiores e mais intensas experiências de minha vida. O país africano passava por uma guerra sangrenta. Ao chegarmos lá com a delegação, recebemos a notícia de cancelamento de nossa partida amistosa, por questões de segurança. A comoção, e frustração da população local, atingiu os lados em luta. Os conflitantes de Benin e Nigéria, selaram acordo de cessar fogo por uma semana, permitindo a realização de duas partidas, e suspendendo a guerra, marcando um dos episódios históricos mais importantes envolvendo o Santos, e que a vida me oportunizou presenciar. Assim sendo, o time do Santos e Pelé, mais particularmente, parou, ainda que momentaneamente, uma guerra! Após dez anos de carreira no Santos, então com 28 anos de idade, recebi uma grande proposta do Coritiba. Meu projeto era de encerramento da carreira com 30 anos. Em 1976 me sagrei tricampeão paranaense, com encerramento de minha carreira. Lembro que estava no aeroporto, com vistas ao retorno a minha cidade natal, Florianópolis, quando fui abordado por Telê Santana⁶, com um leve toque no ombro. Ainda no aeroporto, tive uma extensa conversa

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Edson Arantes do Nascimento.

⁶ Telê Santana da Silva.

com Telê, que me indagou do porque do encerramento tão prematuro da carreira. Expliquei o sacrifício familiar, a vontade de estar com meus filhos e esposa, o isolamento na época, dada a inexistência de recursos tecnológicos de comunicação, telefonia fixa limitada, inexistência de internet, enfim, a vida a qual eu não estava mais disposto a me submeter. Telê Santana após me ouvir, falou de que tinha aceitado o desafio de dirigir o time do Grêmio⁷, arremessado em oito anos de derrotas no campeonato local, e a árdua tarefa de acabar com a hegemonia do Internacional⁸, que durava oito anos. Ouvi atentamente o projeto, que previa a montagem de um time mesclado de juventude e experiência, e recebi o convite deste grande treinador para integrar a equipe. Sempre fui movido a desafios, e após conversa com minha esposa, assinei contrato por um ano. Confesso que desconhecia a grandeza do Grêmio na sua plenitude. Ao chegar ao aeroporto, em Porto Alegre, fui recebido por uma multidão. Desconhecia essa relação visceral do povo gaúcho com seus times e com o futebol. Afirmando com convicção que os dois anos de Grêmio foram mais intensos que os dez de Santos. Ainda no aeroporto, dei uma coletiva, onde os jornalistas discorreram sobre a grande habilidade de um atacante - o Escurinho⁹ - no cabeceio, e na quantidade de gols feitos assim contra o Grêmio. Ali naquele momento, movido por motivação e uma certa irresponsabilidade, afirmei a necessidade de se demitir o Escurinho, pois a partir daquele momento, a área seria minha, e nenhum gol mais seria feito por ele. Souu um pouco indelicado, mas ocorre que naquele ano ele foi negociado com o Palmeiras¹⁰. Em minha primeira partida, amistosa, fiquei estarrecido com a ovação recebida. O estádio gritava meu nome, e as afirmações feitas por mim, de que seríamos campeões gaúchos, me elevou ao status, do que muito me orgulho, de Xerife. Em 1977, dos sete grenais, perdemos um só, com um gol de Dario¹¹ no último minuto de jogo. A coesão do time, transformou um grupo quase em uma família. A motivação era o foco, conhecíamos nossas deficiências, mas também explorávamos com muita competência, nossos pontos fortes. Nunca aquele time saiu de campo, mesmo derrotado, sem a certeza do dever cumprido, da dedicação e foco extremos. O comprometimento era a regra. Ganhei a confiança do grupo e me tornei um líder natural. Era muito respeitado pelos mais jovens, e não admitia correr por eles, em decorrência de atitudes extra campo. Isso ficou muito

⁷ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁸ Sport Club Internacional.

⁹ Luís Carlos Machado.

¹⁰ Sociedade Esportiva Palmeiras.

claro na época, onde o coletivo deveria ser respeitado, com empenho e dedicação, não sendo admitidos nada menos do que o esforço máximo! Lembro que entrávamos em campo sabendo que se perdêssemos, seria porque o outro time tinha sido realmente melhor, mas não por falta de empenho ou esforço. Essa mentalidade tomou conta do plantel em 1977, determinando uma das maiores conquistas do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre! Considero esse título, o mais importante de minha carreira. Essa conquista, aumentou o respeito para com o povo gaúcho, no que tange ao real conhecimento de árduas conquistas. A memória e gratidão do povo gaúcho para com os agentes e ídolos de suas conquistas, possui uma duração perene, e que afirmo com convicção, incomparável com qualquer relação torcida X time. O título de 1977, elevou os jogadores a status nunca antes presenciados, pelo menos por mim. Muito me orgulha o fato de ser lembrado quarenta anos depois. Foi motivo de orgulho e emoção, quando, em fins de 2016, foi erguida uma faixa na torcida do Grêmio, com os dizeres: “Oberdan imortal”. Tal gesto vem se repetindo, imprimindo no meu íntimo, um saudosismo incomparável a qualquer outro sentimento, mesclando gratidão, e sensação de dever devidamente cumprido. Aos trinta anos, então com problemas sérios de coluna, e fazendo uso de medicação para poder jogar, iniciei meus preparativos definitivos de abandono de finalização de carreira, o que ocorreu em 1978. Em 1980, recebi um telefonema do Presidente do Grêmio, Hélio Dourado, juntamente com seu Vice, Rafael Bandeira dos Santos, para ser treinador do time que havia pessoalmente me conquistado para sempre. Após crise familiar, dada a insatisfação de retorno a carreira futebolística, enfrentei o novo desafio, não me perdoaria se pelo menos não tentasse. Fiz um contrato de um ano, com seis meses de grande sucesso. Após esse período, em concorrência com o fato extremamente relevante de morar em Porto Alegre, e minha família em Florianópolis, propus ao corpo diretivo do Grêmio minha saída. Tal propositura causou preocupação, dada a impressão de inexistência de algum profissional para assumir minha posição. Ocorre, que eu tinha um auxiliar técnico, Valdir Espinosa¹², ex-jogador do Grêmio, que se desenhava como um grande talento futuro. Sugeri o nome, destacando profunda afinidade com o plantel, e comprometimento com o trabalho. Resultado: campeão mundial interclubes, um ano após. Fiquei extremamente satisfeito com essa conquista, pois me sentia parte integrante dela. Minha relação com o Grêmio, segue estreita. Tenho muitos amigos no Rio Grande do Sul, e em particular, no Grêmio.

¹¹ Dario José dos Santos, mais conhecido como Dadá Maravilha.

Conquistei a admiração da torcida rival. Quando vou a Porto Alegre, sou reconhecido pelos torcedores mais antigos, dos dois times. Tenho profundo respeito pela relação existente entre o futebol e torcedores, estruturada no respeito e reconhecimento do trabalho, seja no time rival ou no do coração. Sou procurado em minha empresa por gremistas, querendo nada mais do que me conhecer. Essa remuneração é frequente, e ela que move meu amor por esse time e esse povo que não esquece seus ídolos. Ouvir de pessoas simples e comuns, com voz embargada, de que eu, juntamente com o time do grêmio, mudei suas vidas, me eleva a uma condição pessoal, nunca antes experimentada e extremamente difícil de externar... O esporte, em particular o futebol, se eterniza na vida da gente, modifica caminhos, organiza rumos, muda vidas, não só como jogador, mas como torcedor. Experimentei essa força e ela é real... Estou fora dos gramados a quarenta anos. Ligar a tv e ver que minha memória permanece no estádio, demonstrada por faixas carinhosas de reconhecimento por parte da torcida, me imprime um orgulho, e uma satisfação aliada ao sentimento de dever realmente cumprido. Acredito ter coberto com plenitude, todas as expectativas depositadas em mim, e agradeço a oportunidade de estar vivendo essa vida...

L.A.- Quais as diferenças observadas, entre as torcidas do Rio Grande do Sul em relação às de São Paulo, naquele período? O que mais te chama a atenção?

O.V. - Necessário fazer essa análise, excluindo a figura quase divina de Pelé. O que diferencia, é a maneira dos dois estados de encararem a relação com o futebol. Ambos possuem torcidas apaixonadas. Ocorre, que a relação da torcida gaúcha com seus grandes times é continuada e quase que eterna. O Santos teve em seu plantel, jogadores campeões do mundo e de talento inigualável, que alguns hoje estão no esquecimento. Isso não ocorre no Rio Grande do Sul, onde jogadores medianos, mas que contribuíram para grandes e árduas conquistas, estão eternizados na memória futebolística, sendo lembrados, como já disse anteriormente, também pela torcida rival. Essa memória da torcida gaúcha, é transmitida entre gerações. Já fui abordado por meninos, que herdaram o amor ao time de 1977, não sendo nem nascidos, de seus pais, que transmitem, além de valores morais e de conduta, a paixão pelos seus ídolos e times. Isso só se encontra no povo gaúcho.

¹² Valdir Atahualpa Ramirez Espinosa.

L.A. – Qual a diferença percebida, em comparação as demais, nas manifestações da torcida do Grêmio?

O.V. - Existiu uma situação em um Grenal, em que a torcida conseguiu transferir uma energia, que acabou sendo canalizada de uma forma muito interessante. Eu tinha a característica de subir muito ao ataque em bolas paradas, principalmente em cobranças de escanteio. Em uma situação específica, um choque abriu minha cabeça. Houve uma pressão por parte do time adversário, para que eu fosse substituído. Quando a torcida reparou que eu estava sangrando, ecoou no estádio o grito da Nação Gremista entoando meu nome. Aquilo me encheu de uma força que não sabia que possuía. Fui até o médico, que me disse que o risco era calculado. Coloquei uma bandagem por cima dos pontos, entrei em campo, e arrebentei todos os pontos, tendo sido refeitos posteriormente. Afirmo que tal decisão veio da força e energia emanada da torcida, que fez valer todo esforço, e reconheceu cada gota de sangue e suor derramados. Nunca vendi fácil uma disputa, sempre entrei de corpo e alma nos desafios que a vida me ofereceu.

LA. - Você lembra das torcidas organizadas?

O.V. - Na época, as torcidas se caracterizavam pelo uso da camisa do time. Não lembro de denominação específica das organizadas, como existe hoje.

L.A. – Em relação a torcida, conhecida como Coligay, você ouvia comentários a respeito?

O.V. - Sabia que tínhamos uma torcida gay. Isso nunca foi motivo de maior atenção, essa situação envolvendo sexualidade. Nunca prestamos atenção nisso. Sabíamos da extrema importância dela e da potência que possuía ao torcer. Nos impulsionava e nos mantinha atentos. A violência era muito mais contida, e não havia o receio em relação a segurança nos estádios, assunto em pauta em vários jogos hoje em dia. Me entristece o número de mortes, a banalização da vida, e a violência descabida em nome do esporte.

L.A. – Há dois anos, em 2014, o jornalista Léo GerchmanN lançou um livro sobre a história da Coligay. Você percebeu alguma repercussão desse livro?

O.V. - Eu desconheço esse livro, com foco neste assunto. E realmente não o li. Nunca demos importância a fatos como esse. Torcedor é torcedor, não tem gênero, até porque paixão pelo esporte e por ídolos não tem gênero.

L.A. – Oberdan, gostaria de saber sobre a época do regime militar. Do impacto na vida dos jogadores, se é que houve...

O.V. - Pela minha juventude, principalmente em tempos de Santos, vivia um mundo um pouco a parte. O que posso afirmar com segurança, independente de eventuais abusos que tenham sido cometidos, é que a sensação e segurança existente, era melhor que as de hoje. Eram outros tempos, onde o respeito mútuo imperava, a liberdade era mais restrita, mas os abusos em nome de uma liberdade de expressão, no meu entender hipócrita não existiam. Acho que o Brasil passou por momentos importantes, que determinaram mudanças profundas, mas, nem todas necessariamente, positivas.

L.A. – Oberdan, acho que conversamos bastante... Algo que precise ser acrescentado?

O.V. - Se não se importa gostaria de contar um fato que foi muito importante na época do Santos que em uma outra das várias viagens que fazíamos já tínhamos um jogo agendado para jogarmos na Colômbia, com a seleção colombiana, o estádio estava lotado, dentro do campo foram colocadas várias cadeiras para que os ministros, esposas, convidados, Presidente e também a primeira dama ficassem mais confortáveis, quando começou o jogo: vimos logo que o juiz estava querendo nos prejudicar, dava falta toda hora mas não adiantou muito...o Pelé estava em uma tarde inspirada, com trinta minutos de jogo já estávamos ganhando de 3x0, o Juiz não sabia mais o que fazer, este árbitro era o juiz da FIFA¹³, origem colombiana, chamado Velasquez¹⁴. Em um dos ataques da seleção colombiana, dois jogadores ficaram em impedimento e o juiz deu gol, então começou a

¹³ Fédération Internationale de Football Association.

¹⁴ Nome sujeito a confirmação.

confusão, eu Oberdan, Lima¹⁵ e Pelé fomos reclamar e ele expulsou nós três, imagina a confusão que o juiz causou para si, pois o Presidente estava em campo justamente para assistir o Pelé jogar e não para ver o Pelé ser expulso, já estávamos no vestiário para tomar banho, quando entrou correndo um funcionário da FIFA a mando do Presidente e disse: o Presidente está mandando vocês voltarem para o campo, Quando voltamos o estádio inteiro gritava: “Que salga velasquez y vuelva la piel” Que saia Velasquez e volte Pelé. o Presidente imediatamente pediu que substituísse o juiz pelo bandeirinha e o jogo continuou. Em toda história mundial, nunca se viu um Presidente da República expulsar um árbitro da FIFA, para ter de volta Pelé, que o juiz havia expulsado. Tive a oportunidade de ter sido iluminado em alguns momentos fora e dentro de campo. Convivi com pessoas maravilhosas, tive a sorte de ser a pessoa que deu o nome do livro do Pelé: “Pelé eterno”, em função da pergunta do entrevistador, querendo que eu conceituasse o Rei, em entrevista concedida em minha casa. Fiquei feliz, quando presente a estreia do filme em Santos, vi o título. Muita gente passou pela minha história, pela minha vida. Dentre tantos, preciso referenciar um dos homens mais íntegros e incríveis que conheci: Antônio Carlos Verardi, mais de cinquenta anos de Grêmio, uma unanimidade entre todos que o conheceram. Necessária e justa essa menção. Sou grato a minha vida, me sinto envolto em uma sensação de dever cumprido, grato por ter podido me inserir profissionalmente em um esporte que ultrapassa as raias da modalidade, que se insere na alma das pessoas, reordena caminhos e modifica histórias e vidas.

L.A. – Está joia. Um ótimo dia para você e muito obrigada mesmo.

O.V. – Tá. Tchau.

L.A. – Tchau. Tchau.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁵ Nome sujeito a confirmação.